

Fundamentalismo islâmico - uma ideologia capitalista

Link:

<https://www.leftcom.org/en/articles/1995-12-01/islamic-fundamentalism-a-capitalist-ideology>

Não é de surpreender que os efeitos da crise mundial levem as pessoas a buscar soluções desesperadas para as situações terríveis em que se encontram. É fácil entender como elas se envolvem em uma resposta reacionária como o fundamentalismo religioso. Os fundamentalistas cristãos, hindus e islâmicos estão todos lucrando com a pobreza, a insegurança e a fragmentação social que a crise capitalista criou. Com o colapso do stalinismo (o chamado "comunismo") e as depredações diárias do capitalismo diante de seus olhos, não é surpreendente que muitos optem por uma força que alega oferecer uma "terceira via" para sair da crise. Ao alegar ser algo novo ou diferente, mas extremamente familiar, é compreensível que as respostas universais, fáceis e rápidas do Islã sejam aceitas.

Na Grã-Bretanha, isso significou o surgimento de movimentos como o Hizb ut-Tahir (Partido da Libertação). Seus cartazes foram vistos de Bradford a Birmingham, e grandes reuniões foram realizadas de Essex ao Norte. Recentemente, esses grupos realizaram um grande comício em Londres para promover a conversão ao Islã e suas extensões políticas. Uma organização semelhante, a Fundação Islâmica, foi a animadora das manifestações contra o livro de Salman Rushdie, *Os Versos Satânicos*, e sua queima pública. Essa é uma organização intimamente ligada à Jamaat Islami paquistanesa e a grupos afegãos e da Caxemira. Atualmente, diz-se que esses grupos estão fazendo grandes incursões nas mesquitas britânicas e assumiram o controle da maioria das sociedades muçulmanas nas universidades.

Em uma entrevista ao *Guardian* (7 de fevereiro de 1994), um muçulmano de Birmingham disse o seguinte:

Não importa o quanto eu queira ser britânico, nunca serei por causa da minha pele marrom. Eu costumava ver tudo como negros contra brancos, mas agora vejo a luta como muçulmanos contra não muçulmanos.

A política islâmica está fornecendo uma ideologia que dá aos muçulmanos, muitos deles da classe trabalhadora, uma identidade e uma série de respostas fáceis para a situação em que se encontram - vítimas oprimidas do racismo, bem como exploradas e, aparentemente, com pouca esperança nesses tempos de crise. Outras formas políticas, especialmente a esquerda, são vistas como tendo falhado com eles. O desemprego na Grã-Bretanha é mais alto entre os asiáticos e o racismo ainda é endêmico no Reino Unido, independentemente da quantidade de leis que esse país capitalista possa colocar no livro de estatutos.

A política reacionária e divisiva do Hizb ut-Tahrir é ilustrada nas seguintes citações de seus folhetos:

A ideia de uma sociedade democrática é enganosa, perigosa e impraticável. O partido [ou seja, o Hizb ut-Tahrir] considera que é haram [proibido] estabelecer ou participar de partidos que defendam o capitalismo, o socialismo, o secularismo, o nacionalismo ou qualquer outra religião que não seja o Islã.

Estamos cercados por um mar de Kafr [incredulidade]. Pensamentos, práticas e sistemas de vida Kafr...

A umma [comunidade] muçulmana foi seduzida, enganada e subvertida em uma amizade desastrosa com o Kafr... de modo que nossa distinção antropológica foi submersa e erradicada até que tudo o que é permitido permanecer é uma avaliação romântica de nosso passado islâmico em museus da humanidade e outros necrotérios de sabedoria designados pelos judeus.

Essas ideias não surgiram repentinamente do nada e sem motivo. A crise do capitalismo e seus efeitos sentidos em todo o mundo, nos países muçulmanos, bem como nos países com uma comunidade muçulmana considerável, podem ser vistos como parte importante do surgimento dessa forma política.

Islã político

Em 1928, a Irmandade Muçulmana foi formada pelo professor egípcio Hassan al-Banna. Sua base política pode ser vista nestas citações de seu "Credo":

5. Acredito que um muçulmano tem o dever de reviver a glória do Islã, promovendo o renascimento de seu povo e restaurando sua legislação. Acredito que a bandeira do Islã deve dominar toda a humanidade e que é dever de todo muçulmano educar o mundo nas regras do Islã. Prometo lutar enquanto viver para atingir esse objetivo e sacrificar tudo o que tenho para essa missão.

6. Acredito que todos os muçulmanos formam uma única nação, unida pela fé islâmica...

7. Acredito que o segredo do atraso dos muçulmanos é o seu distanciamento da religião, e a base dessa reforma deve ser o retorno aos preceitos e julgamentos do Islã...

O Islã funda o Estado em princípios de justiça, estabelece o governo em termos de direitos claramente definidos e dá a cada membro das várias classes o que lhe é devido...

Desde que as nações orientais abandonaram os ensinamentos do Islã e tentaram substituir por outros que acreditavam que ajudariam a resolver seus problemas, elas foram apanhadas em um pântano de incertezas e sofreram amargas derrotas; o preço pelo desvio foi alto...

O abismo que os eventos políticos e sociais abriram entre os muçulmanos e sua fé é grande... [eles] estão em guerra com sua fé; eles quebram sua própria espada e entregam livremente um punhal àqueles que os derrubariam, cooperando com aqueles que buscam demolir a religião que é o próprio alicerce de seus regimes e a fonte de sua força...

Há uma crença firme no sistema de classes. Na Umma, ou comunidade do Islã, a sociedade de classes é simplesmente aceita como uma ordem natural. A política da Fraternidade é de dominação, buscando não apenas recuperar o domínio dos países árabes e de outros países muçulmanos, mas também levá-lo adiante, contra o domínio de ideias políticas estrangeiras e daqueles que as patrocinam. A dominação do mundo muçulmano pelos estrangeiros incrédulos é vista como reversível apenas por um retorno aos princípios do Islã.

Os fracassos do capitalismo de Estado no Oriente Médio

A Irmandade Muçulmana egípcia tentou ganhar poder e perseguir seus objetivos de um estado islâmico por meio de seus crescentes contatos com o "Movimento dos Oficiais Livres", liderado por Gamal Abdel Nasser. Ele havia sido instruído por um deles a ganhar o máximo de influência possível dentro das forças armadas para complementar a crescente influência da Irmandade nos sindicatos e na classe trabalhadora em geral, urbana e rural. Um dos principais pontos de contato entre os oficiais e a Fraternidade foi Anwar al-Sadat, que mais tarde foi morto por um islamita. Os Free Officers chegaram

ao poder em 1952 com a ajuda da Brotherhood. Em vez de adotar a política de um movimento em direção a um estado islâmico, eles usaram o slogan: "A religião é para Deus e a nação é para todos". Em 1954, o novo regime tentou obter o controle do movimento por dentro, mas não conseguiu e, após um atentado contra a vida de Nasser, a Brotherhood foi reprimida, com seis de seus líderes sendo executados.

A Irmandade expressava as aspirações políticas e econômicas de setores da pequena burguesia que tentavam obter um elemento de poder por meio do apoio da população pobre, em grande parte rural. Mas o exército, por meio de Nasser, expressou o desejo de se afastar das restrições do passado e de se alinhar mais com o ciclo de acumulação em andamento no mundo, vendo a burguesia egípcia como incapaz de explorar totalmente o potencial da economia egípcia, principalmente em face do domínio estrangeiro da economia. Nasser e, posteriormente, sua União Socialista Árabe (mais tarde, a Frente ou Partido Democrático Nacional), seguiram um programa amplamente capitalista de Estado. Politicamente, o pan-arabismo e o nacionalismo egípcio se encaixavam bem nesse processo econômico político. Da mesma forma, a Síria e o Iraque viram o surgimento do Ba'athismo¹, uma união do nacionalismo árabe de Michel Aflaq² e do capitalismo de Estado de Akram Hourani. Em 1963, a Síria havia se tornado um estado liderado essencialmente por militares, com o ramo civil do Ba'ath sendo deixado de lado. O Ba'athismo e o Nasserismo disputaram a liderança política do mundo árabe por alguns anos, combinando capitalismo de estado e nacionalismo árabe, além de uma inclusão marginal de menções ao Islã e ao anticomunismo. O Ba'athismo tinha três objetivos:

1. A pátria árabe é uma unidade política e econômica indivisível, e é impossível para qualquer um dos países árabes realizar plenamente as exigências de sua vida isoladamente de qualquer outro país árabe.

¹ Ba'ath significa Renascimento ou Ressurgimento.

² Aflaq: "O Islã, em sua pura verdade, surgiu no coração do arabismo e deu a melhor expressão do gênio (do arabismo), marchou com sua história e se misturou com o arabismo em seus papéis mais gloriosos, de modo que é impossível haver um choque entre o nacionalismo e a religião, pois o nacionalismo é sua semelhança, brotando do coração e emanando da vontade de Deus, e os dois caminham juntos, abraçando-se especialmente se a religião representa o gênio do nacionalismo e se mistura com sua natureza."

2. A nação árabe é uma unidade cultural, e todas as diferenças existentes entre seus filhos são acidentais e espúrias e desaparecerão com o despertar da consciência árabe.
3. A pátria árabe é para os árabes e somente eles têm o direito de administrar seus assuntos, dispor de sua riqueza e dirigir seus destinos.

A atitude em relação ao comunismo foi expressa dessa forma:

Representamos o espírito árabe contra o comunismo materialista... que estrangula tanto a liberdade do ser humano quanto seus valores éticos.

Tanto o Ba'athismo quanto o Nasserismo podem ser considerados formas políticas não tanto islâmicas quanto arabistas. O Islã foi usado como um tempero cultural para a ideologia política dessas formações, dando à população a sensação de que o estado do capitalismo de países como o Egito e a Síria eram seus próprios capitalismos de estado árabes. Em vez de ser a forma econômica política conveniente para o controle burguês dos países pelos militares. O domínio dos militares é uma indicação da fraqueza relativa da burguesia nesses países, pois os militares fornecem o núcleo de poder em torno do qual o corpo político capitalista estatal pode ser organizado.

O capitalismo de estado de regimes como o do Egito nasserista fracassou em seus objetivos gerais. Entre 1952 e 1971, a economia doméstica expandiu-se pouco mais de 3,3 vezes, enquanto a renda per capita aumentou apenas pouco mais de 2 vezes³. O declínio efetivo foi o resultado de uma população que se expandiu mais rapidamente do que a economia. Mas havia outros problemas. De 1967 a 1973, os gastos com armas aumentaram seis vezes em busca da guerra com Israel. Além disso, embora Nasser tenha tentado introduzir reformas na economia, ainda havia interesses burgueses e burocráticos atuando como freios ao crescimento.

Em 1970, Nasser morreu e Sadat assumiu o poder. Ele introduziria a política de Intifah, "a porta aberta", em que o capital estrangeiro era bem-vindo, o setor estatal (que era grande) seria reformado e o alinhamento político e econômico do Egito deixaria de ter laços estreitos com a URSS (para a qual o país havia hipotecado sua safra de algodão

³ Números calculados a partir do anuário do FMI de 1982, citados em "Power and stability in the Middle East", ed. Berch Berberoglu.

por quarenta anos!) e passaria a ser com os EUA e seus clientes reacionários no Oriente Médio (Arábia Saudita e similares).

Islã e imperialismo

A posição do Egito nas relações imperialistas mais amplas, no entanto, não foi seriamente alterada pelas posturas nacionalistas árabes de Nasser, apenas tirando o Egito da órbita de um bloco de poder imperialista, os EUA e o Reino Unido, parcialmente para outro, a URSS, para retornar ao rebanho dos EUA sob Sadat. No governo de Mubarak, os benefícios dessa proximidade com os EUA podem ser medidos pelos US\$ 4 bilhões anuais em ajuda americana.

Em outros lugares, a relação entre o Islã e o imperialismo não é uma questão simples como muitos podem pensar. Os EUA, em particular, podem classificar os movimentos islâmicos e os governos islâmicos como perigosos ou terroristas, mas essa não é uma situação uniforme. Assim, o Sudão e o Irã são vistos como inimigos, assim como organizações como o Hamas, a Jihad Islâmica e assim por diante. Mas os EUA (e o Reino Unido) ajudam ativamente a FIS na Argélia como parte de sua competição imperialista com a França. O Paquistão, sob o comando de Zia ul-Haq, avançou em direção à lei shariah e a outras medidas sociais islâmicas e estava firmemente dentro do bloco dos EUA. Foi rebaixado por causa de suas tentativas de uma política nuclear independente, mas, após o conveniente assassinato de Zia, foi readmitido sob o comando de Benazir Bhutto. O Irã, que segue uma política nuclear semelhante, foi condenado ao ostracismo e sofreu um embargo comercial (consulte Workers Voice 79). A Arábia Saudita é um dos aliados mais firmes e favorecidos dos EUA, mas sua elite governante usa a seita Wahhabi e seu "fundamentalismo" como ideologia de Estado⁴. Em todo o mundo, a relação entre o Islã e o imperialismo tem pouco ou quase nada a ver com o Islã como força religiosa ou política. Pode haver declarações das principais potências imperialistas no sentido de que o islamismo é um novo "mal", mas essas

⁴ Recentemente, fontes da Arábia Saudita criticaram os custos da aliança com os EUA, reclamando da compra forçada de armas, ajudando efetivamente a continuidade do setor armamentista dos EUA, perturbado pela depressão das vendas de armas e pela precariedade da economia americana como um todo. Além disso, tanto os clérigos conservadores quanto os radicais sauditas têm criticado o regime saudita por seu fundamentalismo "falso", especialmente a falsa moralidade das famílias governantes, que visitam e desfrutam dos "locais de carne" do ocidente decadente, enquanto uma lei diferente reina em seu país.

afirmações servem apenas para encobrir o que são relações movidas pelas necessidades dos interesses imperialistas.

Islâmicos de Nasser a Sadat

Na década de 60, a Irmandade Muçulmana alcançou um tamanho considerável, especialmente entre aqueles que apoiavam a organização em vez de pertencer a ela. No entanto, a tentativa de ganhar pelo menos algum poder como movimento político por meio do apoio aos Free Officers⁵ foi interrompida e a Fraternidade foi esmagada. Uma nova tática foi adotada, um movimento em direção a táticas de propaganda e educação, dando origem à estratégia "takfir wal hegirah" (anátema e retirada). Isso deu origem a vários descendentes políticos diferentes. Por um lado, deu origem a grupos que aderiram a uma abordagem de linha dura, acabando por gerar o Gama'a al-Islamiyah, o principal grupo terrorista islâmico atual no Egito. Sadat foi assassinado por islamistas como esses. Ele sempre foi próximo da Irmandade, desde os primeiros dias dos Oficiais Livres, e a levou ao parlamento sob a cobertura de outros partidos. Isso não era apenas uma expressão de sua própria proximidade com a direita egípcia, mas também uma tentativa de comprar o eleitorado islâmico. Ele havia feito isso depois de 1977, quando, sob a pressão da crise crescente, quase foi derrubado, pois seus efeitos afetaram profundamente a economia egípcia. Em vez de acalmar os ânimos, o aumento do tom e do conteúdo islâmico das leis fortaleceu os islamitas, tanto os moderados quanto os extremistas.

Além disso, houve a aplicação da estratégia de retirada, por meio da qual os partidários da Irmandade iniciaram a construção de uma base de poder econômico. Em 1988, 500 empresas islâmicas, geralmente pequenas, tinham ativos totais de US\$ 8 bilhões. Em maio de 1988, houve uma retirada em massa dos bancos estatais. Organizações de investimento, como a ar-Rayyan e a as-Sa'ad, tinham ativos de US\$ 4 bilhões e US\$ 3,2 bilhões, respectivamente (a bolha financeira dos anos 80 estouraria mais tarde com promessas de retorno de 25% sobre o investimento).

⁵ O movimento nasserista tinha as esperanças de uma grande variedade de formações políticas depositadas nele. Não só a Fraternidade tinha esperanças, como também o Partido Comunista Egípcio se dissolveu em seu apoio. Originalmente, os britânicos haviam apoiado a Fraternidade para combater o efeito do ECP nos estudantes de classe média.

O poder de organizações como a Irmandade Muçulmana decorre da incapacidade do Estado de atender às necessidades econômicas e às aspirações políticas da população como um todo, sem falar nos trabalhadores urbanos e rurais. Os herdeiros de Nasser, Sadat e Mubarak, como Nasser antes deles, sempre resistiram à expansão da base política. Cada tentativa de trazer novos apoios para a NDF, permitindo que oponentes em potencial entrem no partido governista ou em sua oposição "leal", terminou em uma tragédia para ela. Qualquer expansão da base política com um caminho até mesmo para uma expressão política limitada sempre resultou em uma derrubada da elite governante, das forças armadas e de seus aliados burgueses.

O Gama'a cresceu porque a Brotherhood foi vista como manchada tanto pela moderação quanto por um relacionamento muito próximo com a estrutura de poder, embora pareça que as tentativas atuais da Brotherhood de entrar novamente no parlamento serão bloqueadas mais uma vez. Assim, o Gama'a cresce da mesma forma que a Brotherhood. Ele recruta seus quadros entre o grande número de graduados que estão desempregados e, em seguida, obtém o apoio da base do proletariado rural incrivelmente pobre, dos trabalhadores e de outros grupos semelhantes. Quando o FMI decretou a retirada do Estado dos benefícios e serviços oferecidos aos necessitados, o Gama'a entrou em cena para dar um apoio mínimo. O desemprego é de pelo menos 17,5% da força de trabalho. Para o Gama'a, "o Islã é a solução". Uma noção farsesca é que um programa habitacional muito necessário será financiado com a economia no orçamento da polícia, porque no paraíso do estado islâmico não haverá crime.

Política islâmica no Irã

A derrubada do Xá em 1979 colocou o Islã no mapa político mundial. O regime Pahlavi era repressivo e explorador. O regime certamente conseguiu alienar grandes setores da população. O apoio a ele era limitado e só se podia contar com algumas seções da intelectualidade, dos profissionais liberais e da burguesia. Contra ele estavam a pequena classe trabalhadora, os desempregados e uma variedade de elementos da classe média.

A história de inimizade entre o regime Pahlavi e uma seção do ulama era longa. Esse setor do clero representava o sistema social mais antigo e arraigado, tendo sido poderoso por meio do controle das estruturas legais e educacionais. Esse controle foi

continuamente atacado por ambos os Xás (Reza Pahlavi, um oficial do exército, assumiu o poder como Xá em 1921). Eles também eram prósperos, sendo, por exemplo, grandes proprietários de terras em determinadas áreas (Azerbaijão e Isfahan). Parte da modernização do Pahlavi envolveu medidas como a reforma agrária de 1959, que ameaçava desmembrar as grandes propriedades dos ulama e redistribuí-las entre os camponeses. Com as medidas da "Revolução Branca" de 1963, que incluíam coisas como um corpo nacional de alfabetização e o sufrágio feminino, essas medidas marcaram o início de antagonismos maiores entre os Pahlavi e os tradicionalistas, agora liderados por Khomeini.

Com a fundação, em 1971, do Corpo Religioso e do Departamento de Propaganda Religiosa, buscando substituir os ulamas por agências estatais, esses antagonismos se desenvolveram ainda mais. O que deve ser lembrado, no entanto, é que nem todos os ulama pertenciam a essa tendência. Houve aqueles que conseguiram chegar a um acordo com o regime. Os mais conhecidos deles são figuras como Shariatmadari.

Antes da revolução, após a tentativa de arrasar as favelas ao redor de Teerã e a violenta oposição a esse ataque, os mujahidin (aiatolás etc.) fizeram um apelo a todos os setores da sociedade, dos mais ricos aos mais pobres, para que se opusessem ao regime. Esses aiatolás eram liderados por Khomeini, mas ele era conhecido apenas por poucos no Irã. Isso foi reforçado pelo que alguns descreveram como anti-imperialismo, na realidade simplesmente ideias antiocidentais, criticando o regime por sua aliança com os EUA e seu apoio implícito a Israel, bem como a "dominação estrangeira" da economia. A mesquita dominava grandes setores da população. Os trabalhadores da cidade eram muitas vezes recém-urbanizados, oriundos de trabalhadores rurais educados em escolas islâmicas, sendo as áreas rurais dominadas pelos mulás. Da mesma forma, a classe média era apenas parcialmente secularizada, e a influência profunda continuava por meio da mesquita. Em alguns casos, surgiram movimentos radicais, como o Sazman-i Mujahidin-i Khalq, principalmente estudantes de classe média, com políticas baseadas no Islã (embora interpretadas de forma radical) e no esquerdismo.

Os principais participantes da derrubada do Xá não incluíam inicialmente os ulama. Eles podem ter fornecido grande parte da estrutura de descontentamento, mas não a liderança ativa nesses eventos. O ímpeto inicial veio de vários Mujahidin, Fedayin e

curdos. Foram as manifestações em massa e a greve dos trabalhadores do setor petrolífero que levaram o Xá a deixar o país sob os cuidados de Bakhtiar, o primeiro-ministro. Somente mais tarde, os ulama, usando as oportunidades oferecidas pelos eventos, opuseram-se à pressão contínua dos fedayin e ao movimento independente das massas. Eles organizaram o IRP (Partido Republicano Islâmico), intimamente ligado ao que mais tarde foi chamado de Pasdaran-i Inqilab (Guardas Revolucionários), armado e instruído por meio das mesquitas. Além disso, outros, provenientes das fileiras dos pobres e desempregados urbanos e rurais, eram conhecidos como hizbollahis, do slogan "hezb fagat hezbollah" - nenhum partido além do partido de Deus, "rahbar fagat Rohallah" - nenhum líder além de Rohallah (Khomeini).

O governo provisório era composto por Bazargan como primeiro-ministro, representando a ala modernizadora, e os mulás liderados por Beheshti. Esse governo foi estabelecido após negociações secretas envolvendo Bazargan, os generais do exército, Beheshti e Brzezinski, dos EUA.

Depois que o IRP se estabeleceu no poder, organizações como os Mujahidin puderam ser dispensadas. Assim, a partir de 1980, eles e outros que representavam uma ameaça aos ulama, e a Khomeini em particular, tornaram-se vítimas do Pasdaran. A "justiça" era feita de forma horrível por aiatolás como Khalkhali, o juiz Jeffries do Irã, conhecido como o "estrangulador de gatos"⁶. Não era incomum que crianças e, por exemplo, meninas adolescentes mujahidin fossem enforcadas em postes de luz.

Os primeiros a morrer foram os liberais da Frente Nacional de Bazargan, o grupo apoiado pelos EUA. Então, em 1981, após um período de tensão entre os Mujahidin e os islamistas, o termo monafegin (separatistas ou hipócritas) foi aplicado a eles, ocorreram tiroteios entre o Pasdaran e os Mujahidin, e seu líder Rajavi deixou o país. Lajevardi, um ex-vendedor de lojas, foi contratado como promotor para lidar com eles.

Mesmo que uma criança de 12 anos seja encontrada participando de uma manifestação armada, ela será baleada. A idade não importa.

Mussavi-Tabrizi, um aiatolá, fazia parte da equipe

⁶ "Direitos humanos significam que indivíduos inadequados devem ser eliminados para que outros possam viver livres..." "Aqueles que são contra a matança não têm lugar no Islã..."

Eles não terão permissão para ir para a cadeia... serão julgados nas ruas... condenados à morte na mesma noite e executados.

Eles foram rapidamente quebrados pelo poder combinado dos vários braços do estado islâmico que se solidificava. O Tudeh, partidário próximo do ulama, foi o último dessa linha de antigos aliados a ser destruído na consolidação do poder. Eles foram dizimados em 1983, depois que a inteligência britânica entregou uma lista de agentes soviéticos dentro desse partido comunista "oficial".

Em cada etapa, os Majilis se dividiram, com uma ala "liberal" que sofreu oposição dos ulama. Os mujahidin haviam originalmente apoiado Khomeini e depois Banisadr. O Tudeh e o Fedayin (facção majoritária) apoiaram os ulama na cisão com Banisadr, para depois se tornarem uma oposição aos ulama.

A Marcha do Islã

Em todos os lugares, as origens dos movimentos políticos islâmicos são as mesmas. No Egito, a Irmandade começou com uma estrutura de professores, clérigos e outros elementos da classe média. Eles ganharam adeptos entre os trabalhadores urbanos e rurais devido à pobreza e ao ressentimento da dominação estrangeira tanto na economia quanto no corpo político. Eles se organizaram por meio de escolas religiosas, universidades, agências de assistência aos pobres e até mesmo pelo movimento trabalhista. Sua tentativa de conquistar o poder e de criar um Estado baseado no Alcorão por meio de uma aliança com os nasseristas fracassou, levando à destruição do movimento. Seus remanescentes seriam comprados por Sadat, deixando o campo livre para a formação do Gama'a.

Argélia - o FIS

A FIS e a GIA na Argélia certamente aprenderam com isso e com sua própria experiência. Houve pouco ou nenhum caminhar de compromissos. Mais de 40.000 pessoas morreram nessa sangrenta guerra civil. Está claro, porém, que essa é uma guerra que não pode ser vencida. Sua única certeza é a autodestruição tanto da facção governamental liderada pelos militares quanto da oposição liderada pelos ulama. Houve ofertas de paz e compartilhamento de poder. No inverno de 1993-4, o governo ofereceu

ao FIS o controle de alguns ministérios em um governo unido (mas não os de defesa, relações exteriores e interior) com a condição de que o presidente fosse nomeado pelos militares e que o terrorismo fosse abandonado. Em janeiro de 1994, a FIS boicotou a conferência convocada para discutir essas questões. Zeroual, o líder militar, foi então nomeado presidente e respondeu prometendo a erradicação do terrorismo, mas também que a porta permaneceria aberta para o diálogo. Naquele verão, foi feita uma segunda tentativa, com a libertação de dois líderes da FIS, Madani e Benhadj, em prisão domiciliar, enquanto algumas negociações eram realizadas.

No final de outubro, as negociações foram interrompidas, os dois foram presos novamente e Zeroual falou na TV sobre o extermínio de terroristas. Então, em junho de 1995, veio à tona que haviam sido realizadas conversas secretas sobre a possibilidade de a FIS participar das eleições presidenciais em novembro. Em julho, foi dito que essas conversas haviam sido interrompidas devido à intransigência da FIS. Os islamitas parecem ter aprendido com o Egito que não é possível fazer concessões, que o poder total é o único caminho, como no Irã. Mas o sucesso de Zeroual em conseguir uma participação eleitoral respeitável nas eleições de novembro significa que eles terão de repensar essa estratégia.

Nem leste nem oeste

A política islâmica se apresenta como uma "terceira via" em termos políticos, que é revolucionária em oposição ao capitalismo, ao socialismo e ao nacionalismo. Não é nada disso. Ela é e continuará sendo reacionária e capitalista. Ela não apresenta nenhum desafio à sociedade de classes. Pelo contrário, ele prospera oferecendo igualdade somente após a morte. Ele não representa nenhum sistema alternativo de produção. Pelo contrário, as multinacionais estão mais do que satisfeitas em fazer negócios com os regimes que são total ou parcialmente islâmicos. Elas veem a vantagem de negociar com regimes que mantêm um controle firme da classe trabalhadora e oferecem uma ideologia que os desvia de seus próprios interesses.

Da mesma forma, a burguesia de muitos países tem usado a ideologia islâmica como uma posição à qual recorrer quando o capitalismo de estado fracassa na atual crise do capitalismo mundial. Aqui podemos ver o Islã como o que ele é - uma ideologia para a

burguesia, para os interesses dessa classe, mas promovida dentro da classe trabalhadora para impedi-la de olhar para seus verdadeiros interesses materiais. Os islamistas podem apontar para o Alcorão e sua proibição da usura como uma espécie de prova de sua natureza anticapitalista, mas a riqueza e a pobreza são condições escritas no Alcorão. De maneira óbvia, podemos apontar para os milionários mulás do Irã, os príncipes de Saud, a corrupção do Sudão e os negócios financeiros da Irmandade Egípcia para desmentir essa noção.

No mundo como um todo, o Islã não é de forma alguma uma forma política independente do imperialismo. Como mostramos aqui, a República Islâmica no Irã foi originalmente auxiliada pelos EUA e, mais tarde, recebeu assistência material da Inteligência Britânica. Na Argélia, a FIS só conseguiu sustentar sua campanha de resistência armada graças ao apoio das mesmas duas potências que têm como objetivo minar o domínio do imperialismo francês no norte da África.

A situação das mulheres foi claramente delineada acima, longe de receber algum respeito especial, tudo o que elas ganham é uma posição de inferioridade codificada e legislada pelo próprio Alcorão. A história de defender a dignidade feminina por meio de códigos de vestimenta medievais pertence à Idade das Trevas. Para os trabalhadores, o Islã não é diferente de qualquer outra ideologia capitalista. A pobreza é uma questão de vontade divina e os pobres, por serem numerosos, não são apenas condenados à pobreza, mas também são destinados ao massacre no campo de batalha.

O marxismo tem algo bem diferente a dizer sobre essas questões. A estrutura de classes da sociedade não tem nada a ver com o desígnio divino. Ela é o produto da história. A exploração dos trabalhadores não é sancionada por algo de outro mundo, mas é o resultado da operação do capital, do sistema capitalista e da classe que o lidera - a burguesia. A contradição central dessa sociedade não é uma guerra de negros contra brancos, nem de muçulmanos contra não muçulmanos. É a guerra de classes. Somente a vitória definitiva da classe trabalhadora banirá a pobreza, a fome e as guerras do capitalismo. Quando essas guerras forem finalmente enterradas, o mesmo acontecerá com o fundamentalismo religioso que se alimenta delas.

Clastre